

A escola contra a violência



André Figueiredo

dep.andrefigueiredo@camara.leg.br

Deputado federal
(PDT-CE)

Em 1965, o filósofo Theodor Adorno proferiu uma palestra intitulada “A educação após-Auschwitz”. Ele considerava que a primeira de todas as tarefas da educação era evitar que o genocídio promovido pelos nazistas se repetis-

se. Talvez por isso a escola atraia tanto ódio, já que ela é seu antídoto.

Nos últimos 20 anos, estima-se que houve 24 ataques a escolas no Brasil, dos quais 7 ocorreram nos últimos 7 meses. Seu número vem crescendo e o intervalo entre eles está diminuindo. É como se o ódio à escola estivesse avançando.

Pesquisadores sugerem que o aumento da frequência desses ataques é fruto da crescente radicalização online, que atinge principalmente os mais jovens, a partir de idades tão tenras quanto 10 anos. O perfil desses jovens é diversificado, mas costumam ter em comum o contato, por meio de redes sociais, com grupos que divulgam teorias conspiratórias, propostas separatistas, conteúdos racistas e misóginos, bem como a solução violenta de conflitos. Para eles, o diálogo, a tolerância e a convivência com os diferentes é algo abominável. Por isso odeiam a

escola, pois nela não apenas falamos sobre a necessidade de aceitarmos a diversidade, mas efetivamente coexistimos com as mais diversas pessoas. A escola, por sua própria natureza, é o oposto do que pregam esses grupos de ódio.

A escola também é atacada pela criminalidade mais comum. Tiroteios entre facções rivais, roubo de equipamentos, vandalismo de suas instalações também atingem nossas instituições de ensino. E novamente apenas a educação pode dar alternativas à nossa juventude, que com uma preparação adequada poderá tanto progredir no mercado de trabalho, evitando o envolvimento com o crime, quanto alcançar um refinamento em sua formação que lhe permita elaborar formas de relação com a sociedade marcadas pelo autodesenvolvimento e por uma cultura de paz.

A escola está sob ataque de diferentes formas de ódio. Entretanto, precisamos evitar soluções simplórias, como o punitivismo, que acredita que mais armas ou mais violência irão deter essa onda de ataques. A solução definitiva para essa doença social é a educação, como propunha Adorno. Mas, diante da escalada de casos, precisamos proteger nossas escolas por meio de ações de inteligência e monitoramento das redes de ódio. ■